

## Editorial

Como é de conhecimento de nossos leitores, os *Cadernos de Filosofia Alemã: Filosofia Crítica e Modernidade* vêm se firmando como um espaço de reflexão em que se articulam temas clássicos da filosofia alemã e suas repercussões na problemática contemporânea. Desse ponto de vista, é sintomático que o presente número desenvolva, em sua seção de artigos, um percurso cronologicamente invertido: começando por um artigo que aborda o pensamento de Rainer Forst, jovem filósofo inscrito na tradição da Teoria Crítica, passamos em seguida a um texto sobre Horkheimer, um dos fundadores dessa tradição, para depois desembocar no idealismo alemão, com um artigo sobre Fichte e dois sobre Kant – o último deles abordando a fase pré-crítica do filósofo de Königsberg.

O texto que abre o volume, como dito, versa sobre a filosofia de Rainer Forst e aquilo que seria, segundo o autor do texto, Rúrion Soares Melo, a sua “teoria crítica da política”: reconhecendo tratar-se de um projeto em andamento, Melo procura apontar, ainda assim, as linhas de força desse empreendimento filosófico, centrado na ideia de “contextos de justiça” e na perspectiva de uma “crítica das relações de justificação”. Além disso, Melo se arrisca a levantar aspectos que lhe parecem problemáticos na proposta de Forst, questionando se uma teoria propriamente crítica da sociedade poderia estar ancorada naquilo que parece ser um primado da moral.

No artigo seguinte, assinado por Franciele Petry, encontramos uma interessante análise dos escritos *O fim da razão e Eclipse da razão*, de Max Horkheimer, nos quais seria possível identificar a formação de uma compreensão crítica da racionalidade que viria a radicalizar-se na *Dialética do esclarecimento*, o célebre livro escrito com Adorno. Trata-se de um tema cuja centralidade na reflexão contemporânea sobre a modernidade é bem conhecida.

O terceiro artigo deste volume versa sobre uma questão nada simples: o problema da coisa em si. Glauber Klein se propõe a estabelecer uma comparação entre o modo como esse problema é enfrentado por Kant e por Fichte, mostrando que a especificidade deste último estaria sobretudo no fato de vincular o conceito de coisa em si à investigação sobre o sentimento, em particular o chamado “sentimento originário”.

Na sequência, apresentamos um texto que marca a continuidade de uma recente prática dos *Cadernos*: a acolhida da produção de colegas latino-americanos sem necessidade de tradução para o português. Desta feita, é a argentina Fiorella Tomassini quem assina um artigo sobre Kant, mais especificamente sobre a sua *Doutrina do Direito*. A partir de uma análise do § 2, em que Kant denomina ao postulado jurídico da razão prática uma lei permissiva, a autora procura mostrar algumas consequências dessa vinculação conceitual para a relação entre a propriedade privada e o Estado.

O artigo que encerra a primeira seção também trata da filosofia kantiana, mas adota um ângulo bem diverso: em seu texto, Bruno Cunha procura mostrar que já em meados dos anos 1760 – o texto que toma como referência desse período são *Os sonhos de um visionário* – Kant teria desenvolvido os principais conceitos de sua filosofia moral, tais como autonomia, liberdade, imperativo categórico etc.

Na seção de traduções, contamos desta vez com um texto do jurista alemão Franz Neumann, traduzido por Flávio Marques Prol. Escrito originalmente em inglês, a partir de conferências proferidas na Columbia University em 1953, esse texto colabora para ampliar o conhecimento do público brasileiro a respeito desse importante – mas não tão conhecido – autor alemão, cujo livro *O império do direito* (um de seus mais importantes, e recentemente traduzido para o português por Rúrion Melo) foi objeto de uma resenha em nosso último número.

Ao final do número, contamos ainda com uma resenha, escrita por Renata Bazzo, sobre a tradução de Marilene Carone do livro *Luto e Melancolia*, de Sigmund Freud. Chamando atenção para as novas traduções de textos freudianos que têm sido publicadas em português, bem como para a importância do debate que se estabeleceu no Brasil sobre a tradução de Freud, Bazzo destaca o papel desempenhado por Marilene Carone, cujas traduções e críticas a traduções prévias corresponderiam a um marco para as traduções de Freud no Brasil.

A partir da próxima edição, reconfiguraremos a publicação em alguns de seus aspectos: além de ampliar o nosso Conselho Editorial e as linhas editoriais da revista, pretendemos acolher um número maior de contribuições. Neste sentido, incentivamos nossos leitores, que acompanharam os *Cadernos* ao longo de suas diferentes fases, a contribuir também nesta nova etapa, por meio da submissão de textos e da divulgação da chamada de artigos. Com essas mudanças, esperamos aprimorar a qualidade da revista que, em breve, também fará parte do sistema de revistas da USP.